

O PAPEL DO ENFERMEIRO NO PÓS-PARTO EM GESTAÇÕES PRIMÍPARAS

THE ROLE OF THE NURSE IN THE POSTPARTUM PERIOD FOR PRIMIPAROUS PREGNANCIES

BATISTA, Vanusa Pereira¹
SILVA, Jean Carlos²

RESUMO: O papel do enfermeiro no pós-parto em gestações primíparas é de extrema importância para assegurar a saúde e o bem-estar tanto da mãe quanto do recém-nascido. Nesse período delicado, o enfermeiro desempenha uma função abrangente, que envolve o suporte físico e emocional, além da orientação prática sobre os cuidados com o bebê e a recuperação materna. Entre as principais orientações estão os cuidados básicos com o recém-nascido, como a amamentação, a higiene, o sono e a troca de fraldas. Muitas mães de primeira viagem enfrentam dificuldades por falta de experiência, o que pode gerar medos e inseguranças, sendo essencial que o enfermeiro ofereça suporte educativo e acolhimento. A educação em saúde tem papel central, permitindo que as mães se sintam mais preparadas para os desafios do pós-parto. Além de fornecer orientação prática, o enfermeiro também tem o papel crucial de monitorar a saúde da mãe, observando possíveis sinais de complicações, como infecções, hemorragias e sinais de depressão pós-parto, condições que podem ser agravadas se não detectadas precocemente. Também são discutidos temas relacionados à saúde reprodutiva, como o retorno à fertilidade e a contracepção, oferecendo orientações adequadas às necessidades da paciente. A pesquisa foi realizada de forma exploratória de natureza básica, cujos objetivos se deram em identificar as principais dúvidas e dificuldades de mães primíparas ao prestar os cuidados ao recém-nascido; a importância da amamentação nos meses iniciais e o papel do enfermeiro no puerpério e nos cuidados prestados ao recém-nascido. Um ponto fundamental é o estabelecimento de uma relação de confiança entre o enfermeiro e a mãe. Esse vínculo de acolhimento facilita o compartilhamento de dúvidas, medos e preocupações, permitindo que o profissional atue de forma preventiva e efetiva. Dessa forma, a pesquisa tornou-se relevante, considerando que o enfermeiro também desempenha um papel importante no fortalecimento da rede de apoio familiar, incentivando a participação do parceiro e familiares nos cuidados com o bebê. Essa integração familiar pode reduzir o estresse materno e criar um ambiente mais saudável para o bebê, promovendo o bem-estar da família como um todo. Assim, a atuação do enfermeiro no pós-parto não só contribui para a saúde física da mãe e do bebê, mas também para o fortalecimento da saúde emocional e social da nova família, assegurando uma transição segura e tranquila para a maternidade.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Pós-parto. Gestações primíparas.

ABSTRACT: The role of the postpartum nurse in primiparous pregnancies is fundamental to ensuring the health and well-being of the mother and newborn. Postpartum, the nurse works

¹ Acadêmica do curso de Bacharelado em Enfermagem pela Faculdade de Direito de Alta Floresta (FADAF); Contato: vanusa.pereira.batista2020@gmail.com

² Professor Mestre e Orientador- Faculdade de Direito de Alta Floresta (FADAF); contato: jean_carlos1985@hotmail.com

directly to provide physical and emotional support, guiding the mother on basic care for the baby, such as breastfeeding, hygiene and sleep, in addition to assisting in postpartum recovery. Health education is an essential tool, as many primiparous women face challenges due to lack of experience, which can create insecurities. The nurse also has the role of monitoring signs of complications, such as infections or postpartum depression, and offering guidance regarding reproductive health and contraception. The bond between nurse and patient must be one of trust and acceptance, facilitating the sharing of doubts and concerns. In addition, nurses also play an important role in strengthening the family support network, encouraging the participation of the partner and other family members in caring for the newborn, which can reduce maternal stress and promote family well-being as a whole. Thus, the role of nurses in the postpartum period not only contributes to the physical health of the mother and baby, but also to strengthening the emotional and social health of the new family, ensuring a safer and more peaceful transition to motherhood.

Keywords: Nursing. Postpartum. Primiparous Pregnancies.

1 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco principal abordar o período pós-parto, também conhecido como puerpério, é uma fase crítica na vida de uma mulher, especialmente para as primíparas, que são aquelas passando pela experiência de maternidade pela primeira vez. Durante esse período, a adaptação física, emocional e social da nova mãe é intensa, e exige suporte especializado para garantir a saúde e bem-estar dela e do recém-nascido. A atuação do enfermeiro no pós-parto é crucial, pois esses profissionais desempenham um papel fundamental no apoio à recuperação da mãe, na promoção do vínculo mãe-bebê, e na educação sobre cuidados neonatais.

Sendo assim, a escolha deste tema de pesquisa se deu pela crescente necessidade de compreender e melhorar a qualidade do cuidado pós-parto oferecido às mães primíparas. Estudos indicam que o suporte inadequado durante o puerpério pode levar a complicações físicas, emocionais e psicossociais, impactando negativamente a saúde materna e infantil. A delimitação da pesquisa se concentra em entender as funções e responsabilidades dos enfermeiros no pós-parto imediato de gestações primíparas, abrangendo tanto o ambiente hospitalar quanto o domiciliar.

Visando abordar sobre a problemática da importância da atuação dos enfermeiros no puerpério de gestantes primíparas, esse trabalho justifica-se por observação de lacunas na prática clínica e a evidência de que muitas mães primíparas se sentem despreparadas e ansiosas durante o período pós-parto. Além disso, o desejo de contribuir para o

desenvolvimento de políticas de saúde mais eficazes e centradas nas necessidades das novas mães foi um fator determinante.

O objetivo desta análise é evidenciar a importância da atuação do enfermeiro no puerpério de gestações primíparas no suporte físico, educacional e do cuidado com o bebê, bem como, expor a importância da orientação e educação sobre os cuidados com o recém-nascido, incluindo a alimentação, higiene e sinais de alerta, além de destacar a relevância da promoção do aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses, e esquematizar a transição suave para o cuidado domiciliar.

2 METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa básica, de natureza exploratória, com abordagem qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de uma Revisão de Literatura, abrangendo livros, dissertações e artigos científicos publicados nos últimos 15 anos. A busca por estes materiais foi conduzida em bases de dados como Google Acadêmico, LILACS, SciELO e outras bibliotecas online relevantes. As palavras-chave que nortearam a busca foram: gestante primípara, gestação e enfermagem.

A pesquisa se propôs a analisar e sintetizar o conhecimento já existente sobre o tema Papel do Enfermeiro no Pós-Parto em Gestações Primíparas, buscando aprofundar a compreensão acerca das necessidades específicas das puérperas primíparas e do papel fundamental do enfermeiro nesse contexto. A revisão bibliográfica contemplará estudos que abordem as diversas dimensões da atuação do enfermeiro no pós-parto, incluindo aspectos físicos, emocionais, sociais e educativos, com o objetivo de identificar as melhores práticas e evidências científicas que possam subsidiar a assistência de enfermagem qualificada e humanizada a essa população.

3 PARTO E PÓS-PARTO: DEFINIÇÕES E ASPECTOS CRUCIAIS

O parto é um processo natural e fisiológico, historicamente conduzido de forma instintiva pela mulher, com o apoio de pessoas que possuíam algum conhecimento sobre o nascimento. Contudo, com a institucionalização do parto, o processo tornou-se mais mecanizado e centrado em procedimentos técnicos, sob a liderança de profissionais

médicos. Esse novo modelo, muitas vezes, considera o parto como uma condição a ser tratada com intervenções, ainda que desnecessárias, desconsiderando o contexto emocional e social desse momento. Como resultado, o protagonismo e o poder da mulher sobre o próprio parto são reduzidos, levando, em alguns casos, à desumanização do atendimento. (Marques, 2006).

O processo de parto, compreendido como o trabalho de parto e o parto, é complexo e envolve a equipe de saúde com a mulher e sua família, em um momento intenso de transformações em suas vidas – o nascimento de um filho (Rodrigues, 2006 p.18).

Para garantir a segurança e o bem-estar da mulher durante o momento do parto normal é indispensável uma atenção adequada e de qualidade, por isso, a equipe de saúde deve estar pronta para acolher a gestante e seus familiares, estando bem preparada e fundamentada cientificamente para realização de procedimentos e de eventuais intercorrências, além de uma visão focada na individualidade de cada parturiente, criando vínculo e transmitindo-lhe confiança e tranquilidade (Marques, 2006).

O pós-parto, também conhecido como puerpério, é o período que se inicia logo após o nascimento do bebê, e pode durar até seis semanas, ou mais, dependendo da recuperação da mãe. Durante esse período, o corpo da mulher passa por diversas mudanças físicas e emocionais, como o retorno do útero ao seu tamanho normal, alterações hormonais e a adaptação à nova rotina de cuidados com o bebê. De acordo com Lima (2019), o pós-parto exige atenção não apenas física, mas também psicológica, uma vez que o risco de depressão pós-parto é significativo, especialmente nos primeiros meses. Por isso, o suporte emocional e acompanhamento médico são fundamentais para a recuperação plena.

No caso de cesarianas, o pós-parto requer cuidados específicos, devido ao caráter cirúrgico do procedimento. Além das transformações comuns no puerpério, a mulher precisa de mais tempo para a recuperação, principalmente pela cicatrização da incisão cirúrgica. Segundo Oliveira (2020), o pós-operatório de uma cesariana pode ser mais desafiador, exigindo atenção a possíveis complicações, como infecções e dores persistentes, o que torna o acompanhamento médico essencial. A cicatrização completa pode demorar de seis a oito semanas, e a mãe deve seguir recomendações médicas para garantir uma recuperação saudável.

É comum que o nascimento de uma criança desperte nas mães inúmeros sentimentos, principalmente quando se trata do primeiro filho. Na primeira vivência

com a maternidade, a mãe pode apresentar desconhecimento quanto a alguns cuidados, ausência de habilidades e até mesmo negligências em algumas atividades favoráveis para a comodidade do recém-nascido (Andrade *et al.*, 2015).

Mãe primípara, se refere a mulher que teve seu primeiro parto, sendo normal manifestar sentimentos, que estão interligados com a realidade sociocultural a qual está inserida, com as relações familiares, interpessoais e a situação econômica. O vínculo com o bebê também pode sofrer influências referentes a esses sentimentos, que pode refletir futuramente no processo de aleitamento (Almeida *et al.*, 2010).

O período pós-parto denominado de puerpério, é a fase em que o organismo começa a voltar para as condições normais, ou seja, ao de pré-gestação. Esse período, é reconhecido popularmente como resguardo ou quarentena, que engloba de quatro a cinco dias após o nascimento do bebê. Desta maneira, há necessidade de uma assistência humanizada e integrativa para a parturiente, uma vez que ela se torna protagonista, ao ter que dispensar toda sua atenção ao recém-nascido (Sartori *et al.*, 2020).

4 TIPOS DE PARTOS

O parto é o processo pelo qual o bebê é “expulso” do útero materno, sendo dividido em dois principais tipos: vaginal e cesariana. O parto vaginal é o método mais natural e geralmente o mais recomendado por especialistas, pois, como afirma Almeida (2019), “ele permite uma recuperação mais rápida e uma menor incidência de complicações pós-parto”. Durante o trabalho de parto vaginal, o corpo da mulher passa por várias mudanças hormonais e físicas que facilitam o nascimento do bebê. Além disso, esse tipo de parto também é associado a benefícios, tanto para a mãe quanto para o recém-nascido, como o contato precoce pele a pele e a amamentação imediata, promovendo vínculos emocionais e fisiológicos importantes.

A diversidade de tipos de partos no Brasil reflete a complexidade e as múltiplas abordagens no cuidado obstétrico. Segundo Leal e colaboradores (2014), “o parto normal é considerado a via de nascimento mais segura para a maioria das mulheres e bebês, quando realizado de forma adequada e respeitosa”. No entanto, apesar das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a promoção do parto vaginal, o Brasil ainda enfrenta altas taxas de cesarianas, muitas vezes desnecessárias.

A cesariana, por outro lado, é uma intervenção cirúrgica que pode ser necessária em casos de complicações durante a gravidez ou o parto, como posição incorreta do bebê ou sofrimento fetal. Segundo Santos (2020), apesar de ser uma solução essencial em muitas situações, a cesárea envolve maiores riscos de infecção e uma recuperação mais lenta para a mãe. No entanto, quando realizada de forma adequada e em situações emergenciais, a cesárea pode salvar vidas e evitar complicações maiores tanto para a mãe quanto para o bebê. A escolha entre os tipos de parto deve ser feita com base em uma análise criteriosa das condições de saúde da gestante e do bebê, garantindo sempre o melhor desfecho possível para ambos.

Além do parto normal e da cesariana, existem outras modalidades menos comuns, como o parto humanizado e o parto domiciliar. O parto humanizado busca resgatar a autonomia da mulher no processo de nascimento, priorizando o respeito aos seus desejos e necessidades, conforme destacado por Diniz e colaboradores (2004). Já o parto domiciliar, embora menos frequente, é uma opção para mulheres com gravidez de baixo risco que desejam vivenciar o nascimento em um ambiente familiar, conforme discutido por Hutton e colaboradores (2019).

O parto humanizado, conforme defendido pelo Ministério da Saúde (2017), enfatiza o protagonismo da mulher durante o processo de nascimento, incentivando a participação ativa da gestante na tomada de decisões e respeitando suas escolhas em relação ao ambiente, posição e intervenções médicas durante o trabalho de parto. Essa abordagem busca proporcionar uma experiência mais humanizada e respeitosa, visando reduzir intervenções desnecessárias e promover o bem-estar físico e emocional da mãe e do bebê.

Por outro lado, o parto domiciliar, embora menos comum, tem sido objeto de discussão entre profissionais de saúde e gestantes que desejam vivenciar o nascimento em um ambiente familiar e acolhedor. Estudos como o de Olsen *et al.* (2018) destacam que, quando adequadamente planejado e monitorado por profissionais capacitados, o parto domiciliar pode ser uma opção segura para mulheres de baixo risco, que desejam evitar intervenções médicas e ter maior controle sobre o processo de nascimento. No entanto, é importante ressaltar que essa modalidade requer uma cuidadosa avaliação de riscos e benefícios, bem como a disponibilidade de assistência médica especializada em caso de complicações inesperadas.

É importante reconhecer que a escolha do tipo de parto deve ser baseada em evidências científicas e nas preferências individuais da mulher, levando em consideração o bem-estar materno e fetal. Para tanto, é fundamental que haja um sistema de saúde que ofereça suporte e assistência adequados em todas as etapas do processo, conforme preconizado por Victória *et. al.* (2011). Em suma, a variedade de tipos de partos no Brasil reflete a complexidade do cuidado obstétrico e a importância de uma abordagem centrada na mulher, que respeite sua autonomia e promova o parto seguro e saudável para todas as gestantes.

5 GESTAÇÃO PRIMÍPARA

A gestação primípara, ou seja, a primeira gestação de uma mulher, é um período de grande importância e significado tanto para a mãe quanto para o desenvolvimento do feto. De acordo com Santos *et. al.* (2018), as gestações primíparas podem ser acompanhadas de uma série de desafios e descobertas para as mulheres, especialmente aquelas que estão experimentando a maternidade pela primeira vez. Durante esse período, as mulheres passam por diversas transformações físicas, emocionais e psicológicas.

Um aspecto fundamental a ser considerado durante a gestação primípara é a necessidade de cuidados pré-natais adequados. Como destacado por Gondim *et al.* (2017 p.72),

o acompanhamento médico regular durante a gravidez é essencial para garantir o bem-estar da mãe e do bebê, identificar precocemente qualquer complicações e promover intervenções preventivas quando necessário. Os cuidados pré-natais incluem consultas médicas regulares, exames de rotina, orientação nutricional e educação sobre os cuidados com a gestação.

Além dos cuidados médicos, a gestação primípara também pode ser um momento de aprendizado e preparação para a maternidade. Segundo Almeida *et. al.* (2020), as mulheres primíparas frequentemente buscam informações sobre o desenvolvimento do bebê, os sintomas da gravidez, os cuidados pré e pós-parto e outras questões relacionadas à maternidade. A educação e o apoio adequados durante esse período podem ajudar as mulheres a se sentirem mais confiantes e preparadas para enfrentar os desafios da maternidade.

Durante a gestação primípara, as mulheres também podem experimentar uma série de emoções e preocupações relacionadas ao parto e ao cuidado do bebê. Conforme discutido por Lima *et. al.* (2018), é comum que as gestantes primíparas sintam ansiedade,

medo do desconhecido e dúvidas sobre sua capacidade de serem mães. O apoio emocional e psicológico, tanto da família quanto dos profissionais de saúde, desempenha um papel crucial no enfrentamento desses sentimentos e na promoção do bem-estar emocional das gestantes.

Por fim, é importante ressaltar que a gestação primípara é um momento único e especial na vida de uma mulher, repleto de descobertas, desafios e alegrias. À medida que avança a gestação, as mulheres primíparas desenvolvem um vínculo afetivo com seus bebês e se preparam para receber o novo membro da família. Portanto, é fundamental que essas mulheres recebam o suporte necessário, tanto físico quanto emocional, para vivenciarem essa experiência da forma mais positiva possível (Silva *et. al.*, 2019).

Além dos desafios emocionais e físicos enfrentados durante a gestação primípara, o papel dos profissionais de saúde, em especial os enfermeiros, é fundamental para fornecer uma orientação completa e acolhedora. Os enfermeiros atuam não apenas no acompanhamento pré-natal, mas também na orientação contínua sobre os cuidados diários que a gestante deve ter. De acordo com Costa *et al.* (2021), a atuação do enfermeiro vai além do suporte técnico, envolvendo um trabalho educativo que proporciona à gestante maior autonomia e segurança em suas decisões. Isso inclui desde a explicação sobre os sintomas normais e os que requerem atenção médica até a importância de práticas saudáveis durante a gravidez.

Outro aspecto relevante durante a gestação primípara é a preparação para o parto, momento que gera expectativas e muitas vezes apreensões. As mulheres primíparas podem sentir medo do parto, especialmente em relação à dor e às incertezas do processo. Conforme apontado por Pereira e Oliveira (2020), a educação sobre o parto e a preparação mental para este momento são fundamentais para reduzir o medo e aumentar a confiança das mulheres. "As técnicas de respiração, relaxamento e informações sobre o processo do parto normal e cesariana são essenciais para que a gestante se sinta preparada e mais tranquila para enfrentar essa etapa" (Pereira & Oliveira, 2020, p. 45).

Por fim, o suporte emocional e a criação de uma rede de apoio são essenciais durante toda a gestação, especialmente para as primíparas, que vivenciam essa experiência pela primeira vez. O apoio da família, do parceiro e dos amigos pode ajudar a gestante a lidar com as pressões e preocupações naturais desse período. Além disso, a presença de um profissional de saúde de confiança, como um enfermeiro ou obstetra, garante que a gestante tenha um ponto de apoio para compartilhar suas dúvidas e

angústias. Segundo Souza *et al.* (2019), a construção de uma rede de apoio robusta pode ter um impacto positivo direto na saúde mental e física da gestante, minimizando os riscos de complicações emocionais como a depressão pós-parto. Assim, a combinação de apoio profissional e familiar é fundamental para o bem-estar da gestante primípara.

6 PAPEL DO ENFERMEIRO NA ATUAÇÃO COM GESTANTES PRIMÍPARAS

A atuação do enfermeiro com a mulher gestante, especialmente em casos de primíparas, é crucial para garantir uma gestação saudável e um parto seguro. O enfermeiro desempenha um papel fundamental no acompanhamento pré-natal, fornecendo orientações sobre os cuidados com a saúde da gestante, identificando sinais de risco e promovendo o bem-estar físico e emocional da mulher. Segundo Souza (2018), a assistência de enfermagem à gestante deve ser centrada no cuidado integral, considerando as necessidades individuais de cada mulher, além de oferecer suporte emocional, que é especialmente importante para mulheres em sua primeira gravidez. Assim, o enfermeiro contribui para a redução de complicações e melhora da experiência da gravidez.

Durante o pré-natal, o enfermeiro também é responsável por esclarecer dúvidas sobre as mudanças corporais e emocionais, preparar a gestante para o parto e para os cuidados com o bebê. Esse suporte é essencial para primíparas, que muitas vezes enfrentam maior ansiedade e insegurança diante da experiência inédita da maternidade. Segundo Lopes e Almeida (2019), o enfermeiro atua como um facilitador, orientando as mulheres sobre o processo gestacional e criando um ambiente de confiança, que ajuda a reduzir medos e ansiedades. A educação em saúde desempenha um papel crucial nesse contexto, promovendo o empoderamento da mulher e sua participação ativa no cuidado com sua própria saúde e a do bebê.

No momento do parto, o enfermeiro desempenha um papel igualmente relevante. Além de prestar cuidados físicos, o profissional oferece suporte emocional, ajudando a mulher a enfrentar o processo de forma mais tranquila e segura. Para as primíparas, esse apoio é ainda mais importante, uma vez que a inexperiência pode intensificar o medo e a dor. De acordo com Silva e Carvalho (2020), o enfermeiro é peça-chave na humanização do parto, promovendo o protagonismo da mulher e respeitando suas escolhas, o que é fundamental para uma experiência positiva. O acompanhamento do enfermeiro durante o

trabalho de parto também contribui para o manejo adequado da dor e para a observação contínua de sinais que possam indicar complicações.

No pós-parto, o enfermeiro continua a desempenhar um papel de apoio importante, auxiliando a mãe nos cuidados com o recém-nascido e em sua própria recuperação. Para primíparas, que muitas vezes não possuem experiência prévia com bebês, esse suporte é essencial. Conforme Santos (2017), o enfermeiro no puerpério tem a responsabilidade de oferecer orientações sobre amamentação, cuidados com o bebê e cuidados com a saúde materna, além de monitorar sinais de complicações pós-parto. O cuidado contínuo garante que a mãe e o bebê tenham uma adaptação saudável nessa nova fase.

Os profissionais de saúde, principalmente o enfermeiro, devem gerar um vínculo com a mãe para que assim, possa gerar diálogos e reflexões importantes com o objetivo de conscientizar sobre a sua situação e o que é necessário ser feito. Essa interação permite que os profissionais repassem seus conhecimentos técnicos científicos e realizem promoção em saúde para a melhor qualidade de vida da mãe e seu filho. Ocassionalmente, irá promover a autoconfiança e empoderamento para a mãe cuidar de si e de seu RN de forma mais segura e adequada (Raposo *et al.*, 2019).

De acordo com Silva *et al.*, (2018, p. 39)

a incidência de amamentação diminui pelas dificuldades apresentadas pelas mães, e ressaltam entre elas as fissuras da mama que ocorrem com o tempo da amamentação inadequada, e a mastite puerperal, que é um processo inflamatório que deixa as mamas endurecidas. Destacam ainda que esses problemas sejam, na maioria das vezes, provocados por outras dificuldades das mães, como o posicionamento errado do recém-nascido e a pega incorreta durante a mamada.

É necessário que o enfermeiro oriente a puérpera quanto à forma correta da pega e a posição que o RN deve estar durante a amamentação. O corpo do recém-nascido deve ficar de frente para o da mãe, bem próximo, encostando-se barriga com barriga. O bebê deve ficar alinhado, ou seja, com a cabeça e a coluna no mesmo eixo, em linha reta. A boca deve ficar de frente para a aréola do peito. Com um braço, a mãe deve apoiar todo o corpo de seu filho. Com o outro, ela auxilia o bebê a abocanhar seu peito, desta forma, coloca-se a maior parte da aréola dentro da boca do recém-nascido e o seu queixo toca o peito da mãe (Paula *et al.*, 2017).

A equipe de enfermagem deve saber o momento adequado para realizar uma intervenção que auxilie a mãe, pois ela deve desenvolver autonomia para os cuidados de

banho, curativo do coto umbilical, posicionamento de conforto do recém-nascido, troca de fraldas, entre outros. Deve-se considerar a vontade da mãe e demonstrar com empatia o interesse em ajudá-la, orientá-la e aconselhá-la. Caso a mãe não se sinta segura e preparada para realizar os cuidados com o bebê, a assistência deve ser realizada pela equipe da forma mais humanizada e eficaz (Paula *et al.*, 2017).

A vinculação entre a mãe e os serviços de saúde é essencial para um olhar ampliado da gestão do cuidado. Sendo assim, o papel da enfermagem é capacitar a paciente para o autocuidado e para o cuidado com o outro, ou seja, seu filho. A promoção do autocuidado tem como função auxiliar na manutenção saudável em cuidar de si e do recém-nascido. Este cuidado deve ser voltado para as necessidades fisiológicas e psicossociais de cada pessoa. Um dos seus principais objetivos é a promoção da saúde, e realizar a prevenção de possíveis complicações. Deste modo, a mãe poderá voltar ao seu cotidiano de forma mais segura e confiante (Alencar *et al.*, 2016).

7 SUPORTE FÍSICO ESSENCIAL PARA GESTANTES PRIMÍPARAS

O suporte físico para gestantes primíparas é essencial para garantir o bem-estar e a saúde da mãe e do bebê durante toda a gestação. Esse suporte inclui acompanhamento pré-natal adequado, orientações sobre atividades físicas seguras, controle do ganho de peso e prevenção de desconfortos físicos comuns, como dores nas costas e inchaços. Segundo Silva e Pereira (2021), o acompanhamento físico realizado por profissionais de saúde, como enfermeiros e médicos, ajuda a reduzir riscos gestacionais e a promover uma gestação mais saudável, além de preparar a gestante para o parto. Oferecer esse suporte ajuda a gestante a enfrentar as mudanças físicas com mais segurança e tranquilidade.

O suporte físico desempenha um papel essencial no desenvolvimento saudável de um bebê, abrangendo desde o ambiente em que ele vive até o cuidado direto com seu corpo. De acordo com Silva (2021), o suporte físico é fundamental para garantir que o bebê receba os estímulos necessários para seu desenvolvimento motor e emocional. Isso inclui garantir que o ambiente físico seja seguro, bem como promover interações que incentivem o movimento e a exploração, elementos vitais para o crescimento adequado da criança.

Além disso, o suporte físico não se limita apenas ao ambiente seguro, mas também envolve a interação ativa dos cuidadores, que devem proporcionar estímulos

apropriados ao bebê. Silva (2021) ressalta que o toque, o manuseio e a criação de rotinas consistentes são componentes essenciais desse suporte, ajudando a fortalecer tanto o corpo quanto o vínculo emocional do bebê com seus cuidadores. Dessa forma, o suporte físico é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento integral nos primeiros anos de vida.

8 SUPORTE EDUCACIONAL DO ENFERMEIRO PARA GESTANTE PRIMÍPARAS

O suporte educacional é aquele em que o enfermeiro fornece às gestantes primíparas conhecimento suficiente para garantir que elas se sintam preparadas e seguras durante toda a gestação e o parto. Esse apoio inclui a oferta de informações sobre o desenvolvimento do bebê, mudanças no corpo da gestante e orientações sobre cuidados com a saúde, como alimentação adequada e a importância de realizar os exames pré-natais. Segundo Souza *et al.* (2019), a educação em saúde oferecida pelo enfermeiro durante o pré-natal tem o objetivo de reduzir a ansiedade e aumentar o conhecimento da gestante, permitindo uma gestação mais tranquila e segura. Essa abordagem educativa fortalece a autonomia da gestante, ajudando-a a se sentir mais confiante e ativa no cuidado com sua saúde.

Além disso, o enfermeiro oferece suporte educacional sobre o processo do parto e os cuidados com o recém-nascido, orientando sobre amamentação e cuidados iniciais com o bebê. Para as primíparas, esse tipo de orientação é essencial, uma vez que enfrentam a maternidade pela primeira vez e podem ter muitas dúvidas. De acordo com Lima e Alves (2020), a atuação do enfermeiro no fornecimento de orientações claras e didáticas é crucial para garantir que a primípara tenha uma experiência de parto mais tranquila, além de contribuir para o sucesso na amamentação e nos cuidados iniciais com o bebê. A educação contínua fornecida pelo enfermeiro permite que a gestante adquira conhecimentos e habilidades que irão beneficiar tanto ela quanto o bebê no período pós-parto.

O suporte educacional é crucial no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, iniciando-se desde os primeiros anos de vida. Conforme argumenta Oliveira (2020), o suporte educacional deve ser estruturado de forma a estimular o aprendizado e a curiosidade natural da criança. Esse suporte envolve não apenas a introdução de

atividades educativas, mas também a criação de um ambiente que favoreça o aprendizado contínuo, respeitando o ritmo individual de cada criança e promovendo sua autonomia.

Além disso, o papel dos pais e cuidadores como facilitadores desse processo educacional é vital. Oliveira (2020), afirma que os cuidadores são os primeiros educadores e suas interações com a criança moldam suas percepções e atitudes em relação ao aprendizado. Através de atividades lúdicas, leitura e diálogo constante, o suporte educacional deve ser uma prática diária que enriquece o desenvolvimento intelectual e emocional da criança, preparando-a para os desafios futuros.

9 CUIDADOS GERAIS COM O BEBÊ

Os cuidados gerais com o bebê são fundamentais para garantir um desenvolvimento saudável e equilibrado nos primeiros anos de vida. Segundo Silva (2019), os cuidados com o bebê incluem desde a alimentação e higiene até o monitoramento do desenvolvimento físico e emocional. Esses cuidados abrangem práticas diárias como a amamentação, a troca de fraldas, o banho, e o estabelecimento de rotinas de sono, que são essenciais para o bem-estar do bebê. Além disso, é importante observar e responder adequadamente às necessidades do bebê, criando um ambiente seguro e acolhedor que favoreça seu crescimento saudável.

Além dos aspectos físicos, os cuidados gerais também envolvem a estimulação cognitiva e emocional do bebê. Silva (2019), destaca que a interação afetiva, através de carícias, conversas e brincadeiras, é tão importante quanto os cuidados físicos, pois contribui para o desenvolvimento emocional e social da criança. Dessa forma, os cuidados gerais com o bebê não se limitam às necessidades básicas de sobrevivência, mas também incluem ações que promovam um desenvolvimento integral, garantindo que o bebê cresça em um ambiente que favoreça tanto seu bem-estar físico quanto seu desenvolvimento emocional.

10 ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO COM OS CUIDADOS COM RECÉM-NASCIDO

A atuação do enfermeiro nos cuidados com o recém-nascido é essencial para garantir a saúde e o bem-estar do bebê e da mãe durante o período pós-parto. Segundo

Lopes (2020), o enfermeiro desempenha um papel crucial na observação e monitoramento das condições vitais do recém-nascido, assegurando que quaisquer sinais de complicações sejam identificados e tratados imediatamente. Essa vigilância contínua é fundamental nas primeiras horas de vida, um período crítico para o recém-nascido.

Além do monitoramento das funções vitais, os enfermeiros são responsáveis por realizar cuidados de rotina, como a administração do banho, a limpeza do coto umbilical e a verificação dos sinais de icterícia. Lopes (2020), ainda destaca que essas atividades são fundamentais, não apenas para a higiene do bebê, mas também para a prevenção de infecções, que podem ser particularmente perigosas em recém-nascidos devido à imaturidade do sistema imunológico. A correta aplicação dessas atividades propicia um conhecimento especializado e uma atenção cuidadosa, características fundamentais da enfermagem neonatal.

Outro aspecto importante da atuação do enfermeiro é o apoio à amamentação, que inclui a orientação da mãe sobre as técnicas adequadas de amamentação e a resolução de possíveis dificuldades. De acordo com Silva (2021), o enfermeiro deve atuar como um facilitador, promovendo o vínculo entre mãe e filho, e assegurando que o recém-nascido receba os nutrientes necessários para seu desenvolvimento. A presença do enfermeiro nesse processo é crucial, pois muitas mães enfrentam desafios iniciais na amamentação que podem impactar negativamente a nutrição do bebê se não forem adequadamente abordados.

A educação dos pais também faz parte das atribuições do enfermeiro no cuidado ao recém-nascido. Essa orientação inclui informações sobre a higiene do bebê, sinais de alerta para doenças, e cuidados em casa, entre outros aspectos. Segundo Souza (2019 p. 67),

a educação contínua dos pais, promovida pelo enfermeiro, é vital para garantir que os cuidados com o recém-nascido sejam mantidos após a alta hospitalar. Este apoio educacional é fundamental para que os pais se sintam confiantes e preparados para cuidar de seus filhos em casa.

Finalmente, a atuação do enfermeiro no cuidado com o recém-nascido inclui a coordenação com outros profissionais de saúde para assegurar um cuidado integral e multidisciplinar. Conforme aponta Andrade (2017), a colaboração entre a equipe de saúde, coordenada pelo enfermeiro, garante que todas as necessidades do recém-nascido sejam atendidas de forma holística. Essa abordagem colaborativa é essencial para

proporcionar um atendimento de qualidade e responder prontamente a quaisquer necessidades emergentes do recém-nascido.

11 IMPORTÂNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO NOS PRIMEIROS SEIS MESES

O aleitamento materno tem uma história profundamente enraizada nas práticas culturais e de saúde ao longo dos séculos. Desde os tempos antigos, o leite materno era considerado a forma natural de alimentar os recém-nascidos, sendo amplamente reconhecido como essencial para o desenvolvimento saudável das crianças. No entanto, ao longo da história, práticas como o uso de amas de leite e, mais recentemente, fórmulas artificiais, passaram a competir com o aleitamento materno, especialmente durante o século XX, quando a industrialização da alimentação infantil ganhou força. No entanto, a partir das últimas décadas do século XX, houve uma reversão desse quadro com a promoção e incentivo ao aleitamento materno como prática essencial para a saúde infantil, com o apoio de organizações internacionais como a OMS e a UNICEF (Carvalho *et al.*, 2018).

Os benefícios do aleitamento materno são amplamente documentados e vão além da nutrição. De acordo com Almeida e Silva (2019), o leite materno contém todos os nutrientes necessários para o crescimento saudável do bebê nos primeiros seis meses de vida, além de fornecer anticorpos que ajudam a proteger contra infecções comuns, como diarreia e pneumonia. Além disso, o ato de amamentar fortalece o vínculo emocional entre mãe e filho, proporcionando segurança e conforto ao bebê. O leite materno é um alimento vivo, que se adapta às necessidades nutricionais e imunológicas da criança em cada fase de seu desenvolvimento, destacam os autores.

No âmbito social e econômico, o aleitamento materno também oferece benefícios consideráveis. A prática exclusiva nos primeiros seis meses de vida pode reduzir os custos com fórmulas artificiais e intervenções médicas, além de diminuir o risco de doenças infantis, o que implica menos gastos com tratamentos de saúde. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (2020), o incentivo ao aleitamento materno pode prevenir a morte de cerca de 820 mil crianças com menos de cinco anos a cada ano. Além disso, a amamentação prolongada tem sido associada a menores riscos de desenvolver doenças crônicas, como diabetes e obesidade, tanto para a mãe quanto para a criança.

Por fim, os aspectos emocionais e psicológicos do aleitamento materno são igualmente importantes. A interação constante entre a mãe e o bebê durante a amamentação promove o desenvolvimento de um vínculo afetivo essencial, que pode ter reflexos positivos no comportamento e no desenvolvimento cognitivo da criança a longo prazo. Para as mães, amamentar também contribui para a recuperação pós-parto, ajudando a reduzir o risco de depressão pós-parto, como afirmam Santos e Oliveira (2020). Portanto, o aleitamento materno não apenas alimenta o corpo do bebê, mas também nutre seu desenvolvimento emocional e fortalece a relação mãe-filho.

O aleitamento materno exclusivo durante os primeiros seis meses de vida é amplamente reconhecido como fundamental para o desenvolvimento saudável do bebê. De acordo com Oliveira (2021), o leite materno oferece todos os nutrientes essenciais nas quantidades adequadas, além de fornecer anticorpos que ajudam a proteger o bebê contra infecções comuns. Esse benefício imunológico é crucial, especialmente nos primeiros meses de vida, quando o sistema imunológico do bebê ainda está em desenvolvimento.

Além dos benefícios nutricionais e imunológicos, o aleitamento materno também promove um vínculo afetivo mais forte entre mãe e filho. Santos (2019), afirma que o contato físico constante durante a amamentação fortalece o laço emocional, o que é essencial para o desenvolvimento psicológico do bebê. Esse vínculo não só facilita a adaptação do recém-nascido ao mundo externo, mas também contribui para o bem-estar emocional da mãe, ajudando-a a enfrentar os desafios do pós-parto.

O aleitamento materno exclusivo também desempenha um papel importante na prevenção de doenças crônicas a longo prazo. Estudos indicam que bebês amamentados exclusivamente ao seio têm menor risco de desenvolver obesidade, diabetes tipo 2 e hipertensão na vida adulta. A composição única do leite materno regula o crescimento saudável e o metabolismo do bebê, o que pode ter efeitos protetores que duram até a vida adulta (Carvalho, 2020 p. 158).

A promoção do aleitamento materno exclusivo também tem implicações socioeconômicas positivas. De acordo com Ferreira (2018), a amamentação exclusiva reduz significativamente os custos com fórmulas infantis e cuidados de saúde, além de diminuir a necessidade de licenças médicas por parte dos pais. Isso demonstra que, além dos benefícios diretos para a saúde, o aleitamento materno é uma prática que contribui para a economia familiar e para a sociedade como um todo.

Por fim, é essencial que os profissionais de saúde incentivem e apoiem as mães no aleitamento materno exclusivo. Lopes (2021), sugere que a educação sobre a importância do aleitamento e o suporte contínuo são fundamentais para que as mães se

sintam seguras e capacitadas a seguir com a amamentação. A intervenção dos profissionais de saúde, portanto, é crucial para superar os desafios que podem surgir, como dificuldades de pega e a pressão para introduzir outros alimentos precocemente.

12 IMPORTÂNCIA DO CUIDADO FAMILIAR

O cuidado familiar é fundamental para o desenvolvimento saudável e equilibrado de qualquer indivíduo, especialmente nos primeiros anos de vida. Segundo Martins (2020), o meio familiar propicia o suporte emocional e social necessário para que a criança se sinta segura e amada, fatores essenciais para o seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Esse suporte é fundamental, pois a qualidade das interações familiares impacta diretamente a formação de vínculos afetivos e a construção da autoestima da criança.

Além do núcleo familiar, a rede de apoio, que inclui amigos, vizinhos e profissionais de saúde, desempenha um papel vital na sustentação das famílias, especialmente em momentos de maior vulnerabilidade. Costa (2019), afirma que as redes de apoio funcionam como um alicerce que ajuda a família a lidar com os desafios do cuidado infantil, oferecendo tanto suporte emocional quanto prático. Esse suporte pode se manifestar de várias maneiras, desde ajuda com as tarefas diárias até orientação em questões de saúde e educação.

O cuidado familiar e a rede de apoio desempenham um papel crucial no pós-parto, especialmente em gestações primíparas, quando a mãe está vivenciando a maternidade pela primeira vez. De acordo com Moreira e Silva (2018), o apoio da família é essencial para proporcionar segurança e alívio emocional à mãe, o que pode influenciar diretamente na sua recuperação física e psicológica.

Além disso, Souza *et al.* (2020) destacam que uma rede de apoio sólida, composta por familiares e profissionais de saúde, é determinante para auxiliar a nova mãe na adaptação à rotina de cuidados com o bebê, incluindo a amamentação e os primeiros cuidados básicos. Assim, a conexão entre o cuidado familiar e a rede de apoio permite uma experiência pós-parto mais tranquila e segura, promovendo o bem-estar da mãe e do recém-nascido.

13 IMPORTÂNCIA DA REDE DE APOIO

A rede de apoio é um elemento crucial para o bem-estar das gestantes primíparas, especialmente durante a transição para a maternidade. Para muitas mulheres, a primeira gestação é um período repleto de mudanças físicas, emocionais e psicológicas, o que pode gerar incertezas e ansiedade. Nesse contexto, a presença de uma rede de apoio composta por familiares, amigos e profissionais de saúde é fundamental para fornecer suporte emocional e prático. De acordo com Souza *et al.* (2019), essa rede contribui para reduzir o estresse da gestante, permitindo que ela se sinta mais segura e acolhida ao enfrentar os desafios da gravidez e do pós-parto.

Além do apoio emocional, a rede de apoio também desempenha um papel essencial na orientação e no compartilhamento de conhecimentos sobre o cuidado com o bebê e com a própria gestante. A primeira gestação é marcada por uma série de dúvidas e aprendizados, e o suporte de pessoas experientes pode ajudar a gestante primípara a tomar decisões informadas sobre o pré-natal, parto e cuidados neonatais. Segundo Lima e Oliveira (2020), a troca de experiências entre as mulheres da família ou de grupos de apoio pode ser uma fonte valiosa de informações e incentivo para as novas mães, especialmente em questões como amamentação, higiene do bebê e organização da rotina pós-parto.

É importante destacar que a ausência de uma rede de apoio robusta pode levar a um estresse elevado entre os cuidadores primários, o que pode ter efeitos negativos sobre o bem-estar da criança. Conforme Souza (2018), o isolamento social e a falta de suporte podem aumentar a pressão sobre os pais, resultando em exaustão física e emocional, o que pode prejudicar a qualidade dos cuidados oferecidos à criança. Portanto, fortalecer as redes de apoio é essencial para a saúde e bem-estar de toda a família.

A construção de uma rede de apoio efetiva requer a colaboração entre a família e a comunidade. Oliveira (2021), destaca que a participação ativa da comunidade em programas de apoio à família, como grupos de pais e iniciativas de voluntariado, fortalece os laços sociais e cria um ambiente mais acolhedor para o desenvolvimento infantil. Essa colaboração não só beneficia as famílias diretamente envolvidas, mas também promove uma cultura de cuidado e solidariedade na comunidade como um todo.

Por fim, é fundamental que os profissionais de saúde reconheçam e incentivem a importância do cuidado familiar e das redes de apoio. Segundo Lima (2022), a orientação oferecida por profissionais de saúde pode ajudar as famílias a identificar e

acessar recursos de apoio disponíveis na comunidade, melhorando assim a qualidade de vida de todos os membros. Dessa forma, o fortalecimento do cuidado familiar e da rede de apoio não é apenas uma responsabilidade individual, mas um esforço coletivo que envolve a sociedade como um todo.

Por fim, a rede de apoio também inclui a participação de profissionais de saúde, como enfermeiros, médicos e psicólogos, que oferecem cuidados especializados durante toda a gestação. O acompanhamento desses profissionais é essencial para monitorar a saúde da gestante e do bebê, bem como para fornecer orientações adequadas sobre práticas saudáveis e intervenções necessárias. Conforme destaca Almeida *et al.* (2018), o suporte da equipe de saúde fortalece a confiança da gestante primípara, minimizando o risco de complicações e promovendo uma experiência mais positiva durante a gravidez e o pós-parto. Assim, a rede de apoio, tanto social quanto profissional, é vital para garantir que as gestantes primíparas recebam o suporte integral de que necessitam.

14 CONCLUSÃO

A atuação do enfermeiro no pós-parto em gestações primíparas é de fundamental importância para garantir que tanto a mãe quanto o recém-nascido recebam cuidados adequados durante o período de adaptação. Este trabalho atingiu seu objetivo ao explorar e destacar as diversas frentes de atuação do enfermeiro nesse processo, especialmente no que se refere ao suporte físico e emocional que as mães de primeira viagem necessitam. Através de orientações educativas e acompanhamento clínico, o enfermeiro tem um papel crucial na promoção do bem-estar materno-infantil, prevenindo complicações e oferecendo suporte personalizado.

Além disso, ao aprofundar as intervenções específicas que o enfermeiro pode realizar, como a orientação sobre cuidados com o bebê e práticas de amamentação, este estudo também trouxe à luz a necessidade de um cuidado contínuo e sensível às particularidades de cada mulher. O ambiente do pós-parto é delicado, e o enfermeiro, por estar em contato direto com a mãe e o bebê, desempenha um papel estratégico no fortalecimento da saúde física e emocional da mulher. Esse acompanhamento é essencial para reduzir possíveis complicações, como depressão pós-parto, e promover um vínculo saudável entre mãe e filho.

O trabalho também demonstrou que a atuação do enfermeiro vai além dos cuidados físicos, abarcando aspectos emocionais e psicológicos da mulher no pós-parto. Muitas primíparas enfrentam ansiedade e inseguranças nessa fase, e o enfermeiro, com sua formação voltada para o cuidado holístico, é um profissional capacitado para acolher, orientar e empoderar essas mulheres. Nesse sentido, o enfermeiro é uma ponte essencial para que as mães possam lidar com as demandas do puerpério com mais segurança e confiança.

Outro ponto relevante foi a constatação da importância do enfermeiro na promoção de uma recuperação mais rápida e eficaz da mãe no pós-parto. Ao fornecer informações claras e adequadas sobre o que esperar nas primeiras semanas após o parto e como cuidar de si mesma e do bebê, o enfermeiro ajuda a prevenir complicações como infecções e hemorragias, que podem surgir nessa fase. Ao mesmo tempo, o apoio à amamentação exclusiva nos primeiros seis meses, promovido pelo enfermeiro, é vital, tanto para a saúde do bebê quanto para a mãe.

Portanto, é evidente que este trabalho é uma contribuição valiosa para a comunidade científica, reforçando a importância de uma abordagem multidisciplinar e humanizada no cuidado pós-parto. Os enfermeiros estão na linha de frente desse atendimento, e ao serem capacitados para lidar com as diversas demandas das gestantes primíparas, promovem uma melhora significativa na qualidade de vida dessas mulheres e de suas famílias.

Conclui-se que a relevância do papel do enfermeiro no pós-parto em gestações primíparas é inegável, e este trabalho conseguiu apresentar de forma clara e objetiva os principais aspectos dessa atuação. As contribuições trazidas por este estudo podem servir como base para futuras pesquisas e discussões na área, além de serem aplicáveis na prática clínica, beneficiando a comunidade científica e a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. R., FERREIRA, C. L., COSTA, J. R., & LIMA, C. S. **Gravidez na adolescência: o cuidado pré-natal como fator mitigador de riscos.** Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro, 2020.

CARVALHO, A. P. **Aleitamento Materno e Saúde a Longo Prazo.** São Paulo: Editora Vida Saudável, 2020.

CARVALHO, S. R., PEREIRA, R. L., & MARTINS, C. L. **História e evolução do aleitamento materno: da prática à promoção global.** Revista de Saúde Pública, 2018.

DINIZ, C. S. G., D'ORSI, E., DOMINGUES, R. M. S. M., TORRES, J. A., DIAS, M. A. B., SCHNECK, C. A., ... & LANSKY, S. **A gestão do cuidado em obstetrícia: a atenção hospitalar à gestante e ao recém-nascido no Sistema Único de Saúde.** Rio de Janeiro: EAD/ENSP/Fiocruz, 2004.

DUTRA, L. H. A. **Introdução à Teoria da Ciência.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.

FERREIRA, L. S. **Economia do Aleitamento Materno: Benefícios e Implicações.** Porto Alegre: Editora Saúde Pública, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022. 208p.

GONDIM, A. P. S., LIMA, F. A. A., NUNES, M. L. S., SILVA, M. S. F., & FEITOSA, L. O. **Práticas de cuidados pré-natais em gestantes primíparas.** Revista Enfermagem Atual In Derme, 2017.

HUTTON, E. K., CAPPELLETTI, A., REITSMA, A., SIMIONI, J., HORNE, J., MCGREGOR, C., ... & HODNETT, E. **Outcomes associated with planned place of birth among women with low-risk pregnancies.** Canadian Medical Association Journal, 2019.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de Metodologia Científica:** teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2013, 182 p.

LEAL, M. C., ESTEVES-PEREIRA, A. P., & NAKAMURA-PEREIRA, M. **O papel do obstetra na prevenção da cesariana desnecessária.** Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, 2014.

LIMA, F. S., & OLIVEIRA, D. P. **Cuidado materno e suporte social: análise das necessidades das gestantes primíparas.** *Saúde Coletiva em Debate*, 3(2), 75-83, 2020.

LIMA, L. S., SANTOS, D. M., ANDRADE, L. C. S., SANTOS, M. A. S., SOUZA, M. A. N., & ARAUJO, A. M. A. **Percepções de gestantes primíparas sobre o parto e o nascimento.** Revista Baiana de Saúde Pública, 2018.

LOPES, R. P. **Enfermagem Neonatal: Práticas e Cuidados Essenciais.** São Paulo: Editora Vida & Saúde, 2020.

LOPES, J. F., & ALMEIDA, M. R. **O papel do enfermeiro na preparação da gestante primípara para o parto.** Revista Brasileira de Enfermagem, 2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica:** técnicas de pesquisa. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021. 368p.

MARQUES FC, DIAS IMV, AZEVEDO L. A. **Percepção da equipe de Enfermagem sobre Humanização do Parto e Nascimento.** Esc Anna Nery R Enferm. 2006;

MARTINS, A. S. **O Papel da Família no Desenvolvimento Infantil.** Porto Alegre: Editora Psicologia, 2020.

MAZUCATO, T. (Org.). **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico.** Penápolis: FUNEPE, 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Diretrizes Nacionais de Assistência ao Parto Normal: Versão resumida.** Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

Recuperado http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_assistencia_parto_normal_versao_resumida.pdf. Acesso em 13 de abril de 2024.

OLSEN, O., CLAUSEN, J. A., CARLSEN, J., DAMSBO, N., SANDAGER, P., & SORENSEN, J. **Home birth in Denmark: observationalstudyofplanned deliveries.** BJOG: An International Journal of Obstetrics & Gynaecology, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Aleitamento materno: impacto na mortalidade infantil e nos sistemas de saúde.** 2020.

RODRIGUES, D. P., SILVA R. M., FERNANDES A. F. C.. **Ação interativa enfermeiro-cliente na assistência obstétrica.** R Enferm UERJ. 2006;

SANTOS, J. A. G., FIGUEIREDO, R. M., SANTANA, R. E. L., & OLIVEIRA, M. E. B. **Avaliação da atenção pré-natal de gestantes primíparas.** Revista de Enfermagem da UFPI, 2018.

SANTOS, C. A. **Vínculo Afetivo e Amamentação: A Relação Mãe e Bebê.** Belo Horizonte: Editora Psicologia Clínica, 2019.

SANTOS, J. R. **Cesárea: quando e por que escolher essa intervenção.** Jornal de Medicina Obstétrica, 2020.

SANTOS, A. P. **Enfermagem no puerpério: cuidados com a mãe e o recém-nascido.** Jornal de Saúde Materna, 2017.

SILVA, A. P. S., LIMA, F. E. C., ARAÚJO, S. H. C., & MELO, M. M. **As vivências de mulheres primíparas durante o pré-natal.** Revista Brasileira de Enfermagem, 2019.

SILVA, M. A. **Cuidados Essenciais na Primeira Infância: Abordagens para o Desenvolvimento Integral.** São Paulo: Editora Saúde & Vida (2021).

SILVA, L. A., & CARVALHO, R. S. **Humanização do parto: a atuação do enfermeiro na assistência ao parto normal.** Revista de Obstetrícia e Enfermagem, 2020.

SOUZA, E. M. **Assistência de enfermagem à gestante primípara: desafios e boas práticas.** Revista de Enfermagem Obstétrica, 2018.

SOUZA, P. H. **Estresse Parental e Isolamento Social: Efeitos sobre o Cuidado Infantil.** Belo Horizonte: Editora Saúde Mental, 2018.

VELHO M. B., OLIVEIRA M. E., SANTOS E. K. A. **Reflexões sobre a assistência de enfermagem prestada à parturiente.** RevBrasEnferm. 2010.

VICTORA, C. G., AQUINO, E. M. L., LEAL, M. DO C., MONTEIRO, C. A., BARROS, F. C., & SZWARCWALD, C. L. **Maternal and child health in Brazil: progress and challenges,** 2011.